

# PANPOOKÉU

CÓRTE

Um anno ... 128000  
Seis meses ... 68000  
Tres meses ... 38500

PROVINCIAS.

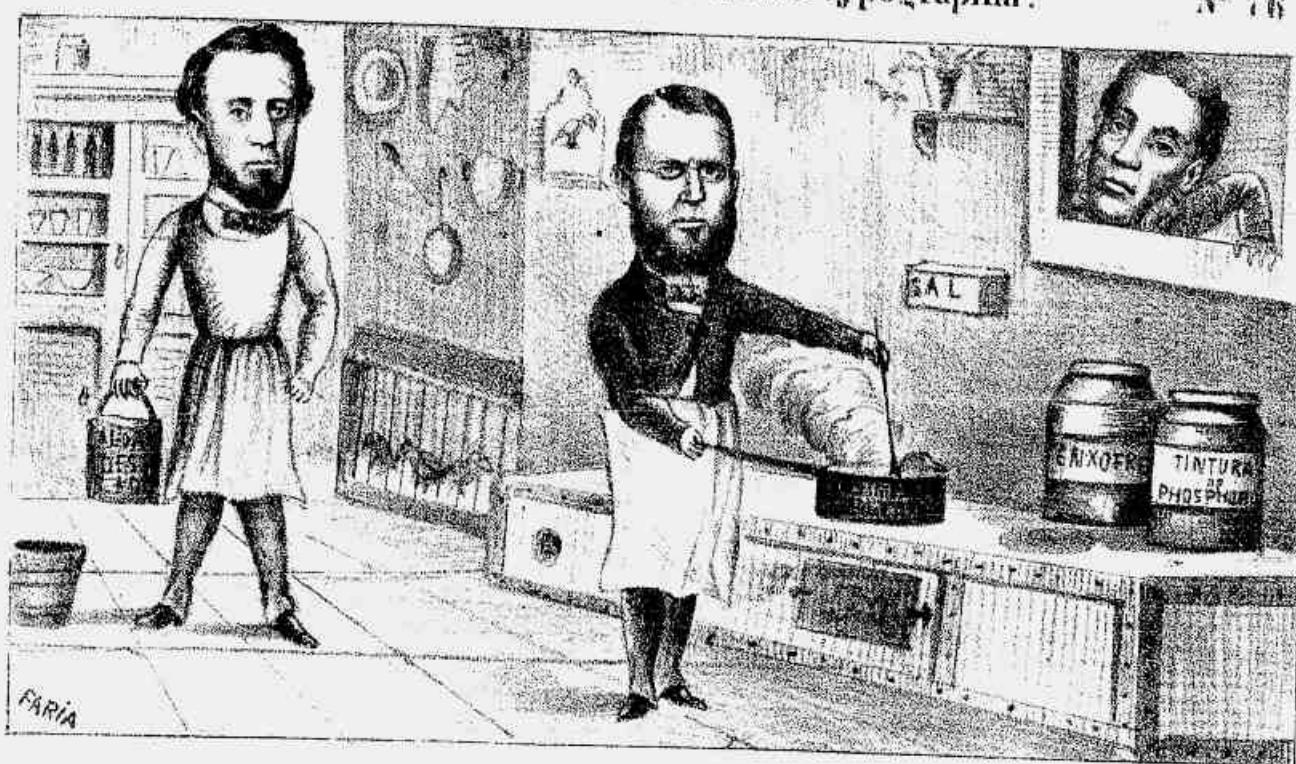
Um anno ... 148000  
Seis meses ... 78000  
Avulso ..... 500



ANNO I.

Assigna-se e vende-se iresta typographia.

Nº 76



## Cosinha parlamentar.

Mestre, O que é a cozinha?

Aprendiz. É uma arte que nos ensina com certos adubos a fazer passar gato por lebre.

Mestre. O que é a eleição?

Aprendiz. A eleição é uma arte igual quanto ao fundo, mas diametralmente oposta quanto à forma.  
I'm urbana aparte. Cuidado que eu os estou espiando...

# PANDOKEU

## REFLEXÃO DE MOMENTO.

Rio, 24 de Fevereiro de 1867.

**N**ESTE nosso Brasil, onde tufo é grande, onde a inspiração com arroubos caudas de luz, a natureza com seus oceanos de verdura, os rios com suas quebradas, immensidão e eterno luctar com as vagas do mar, o céo asul asul a espelhar o limpido colorido do oceano, e o oceano a reflectir os verdes reflexos das esmeraldas, o nacarado alvor das perolas, o brilho asul das sappyras que alindam, ornamentam e explendem o firmamento : neste nosso Brasil, onde poesia e musica concertam-se na concha asul do céo, na larga faxa de diamantes que o arroio deslisa, nas ingentes cupulas da folhagem dos bosques, poesia e musica não as temos nós, os filhos das melodias.

**S**ua poesia americana, que cante as festas, as usanças, a theogonia dos brasís, para lembrar ás nos, á nossos filhos, á nossos netos, as luctas do tapuia, as correrias do guarany, os amores do guacuru, para pintar como as tribus brasíleas bailavam, atravessavam os rios imponentes em ligeiras pirogas ; poesia americana que nos reavivente na epopeia, no theatro, no romance, um Ama lor Bueno, um Henrques Dias, um Camarão, — glórias de heroísmo ; um S. Carlos, um Sampaio, um Mont'Alverne, — glórias do genio ; um José Bonifacio, Alves Branco e Marquez de Maricá, — glórias do civismo e da abnegação ; poesia americana e poesia de fogo como o sol dos tropicos, e sentimental como a moreninha, em cujas faces as rosas e o jumbo luctam eternamente, poesia americana livre e nova não a temos e não a temos per desgraça nossa !

E onde maior copia de inspirações que não em nossa natureza ? Onde mundos tamanhos como o S. Francisco e o Amazonas, onde plainos tão infinitos, prados tão verdejantes ? A natureza cobrindo-se de espesso manto verde, a echoeira fervendo, espumando, espardenando, o arroio deslizando fios de prata e além serras e matas, n'umas, n'outras ouvindo-se o gorgorio do sabá, o trino do asulado sahy, n'umas, n'outras vendendo-se a esplendida plumagem do guainumbi, os aureos pomos da laranjeira, e além uma casa de sapô e dentro pobre homem que na viola desperta, acorda melodias tão suaves ! e melodias tão suaves que enlanguecem e prendem !

E apesar de tanta riqueza, de tanto prodigo, a moci-

dade, esplendido fulgor dos sonhos do porvir, encrusa os braços e deixa desanimada e fraca que revoluteiem procellas as areias do deserto.

Musica ? Francisco Manoel morreu.

Morreram com elle as esperanças da musica brasileira ?

O padre José Mauricio não ha mais um interprete que divulgue ao publico aquellas melodiás que tantas impressões causaram ?

Neste nosso Brasil tudo quanto é brasileiro morre e falece.

A *Opera Nacional*, alcançar, onde artistas brasileiros iriam gladiar-se mutuamente, onde a lucta seria entre genios e lucta homérica, gigantea, a *Opera Nacional*, que tantos esforços custou, e que tantas portias tão longo ancião e cujos fructos tão breve fruiu, desde logo morreu como morre nos ares um balbuciar tremulo de labios infantis...

João Caetano dos Santos descambou no occaso e delle resta apenas um sulco luminoso ; João Caetano Ribeiro sumiu-se e delle lembram apenas raros admiradores o genio da perspectiva e o talento da scenographia ; Francisco Manoel baixou ao tumulo e apenas hoje recordam-lhe o nome as melodias que pródigo arrancou-as elle do coração, do cerebro, e espalhou-as cheias dos lumes divinos e mandou-as que brilhassem, encantassem e seduzissem !?

E a musica brasileira pede um inicio para uma vida opulenta, rica e fecunda. Onde estão pois os genios, os homens, que com uma palavra podem accordar as melodias dos bosques, da natureza e harmonisal-as com as regras da arte e por consequencia com o bello, o verdadeiro e o sublime ? Onde estão Carlos Gomes, o artista da *Noite do Castello*, o inspirado da *Joanna de Flandres* ? e Mesquita, o genio fecundo, farto e ingente dos *Vagabundos* ?

Carlos Gomes na Europa despe-se das phantasias vagas de Verdi, illumina-se dos fogos da arte, purifica sua inspiração, lava o espirito nas águas da melodia suave, primitiva e original. E Carlos Gomes com a prijoría de seu talento, aquella alma sua a encher-se das harmonias da Italia e o coração a chorar saudades pela patria, ha de voltar valente e forte para arrojados committimentos.

E Mesquita o que é delle ? Dorme, repousa já na Capua ? encrusou já os braços porque bastos louros ornalhe a fronte ? Não grossa vilania seria o pensar-se que o cantor inspirado, que geme soluções, anceia ternos queixumes, e em vôos tão seus como é seu o genio, como é sua a força, eleva-se ao ether e repele as magnificencias do Eterno ou exalta as grandezas do homem, deixou a poesia, a musica, dobrou o collo e deixou de trabalhar, de trabalhar quando é pelo trabalho que o genio ajura o fogo da inspiração...

Mas Mesquita, vindo da Europa, porque não abre os cofres do seu talento? De gemmas, de diamantes é elle que o sabemos nós, que o dizem muitos, que o afirmam todos!

A cantata da exposição nacional, a intitulada *Solril de la liberté*, exhibida no Alcazar em 7 de Setembro do anno passado, testemunham em copia farta a musica excellente, harmoniosa e pura de que se serve Mesquita quando usa da linguagem divina. Mas, porque razão Mesquita applaudido, festejado, laureado, não desce á arena com armas tão brilhantes a medir-se em novos combates, onde a palma será sua, porque seu é o genio e rico e nobre?

Neste nosso Brasil tudo morre e fallece uma vez que seja nosso! Mesquita, laureado da Europa, chamado por seu proprio mérito á ensinar á nova geração a palavra sublime que ha de regenerar senão crear a musica brasileira, acha-se como professor da orchestra do Alcazar!!

Como o artista não vive de illusões, novo Heróe vai derramando a luz de seu espirito áquelles que acolhem-no. E Henrique Alves Mesquita, sem o apoio dos poderes do Estado, atirou-se á orchestra do Alcazar para não morrer de fome... E porque não dão-lhe a batuta de regente da Capella Imperial ou a cadeira de contraponto na Academia das Bellas-Artes? Será ainda porque é brasileiro? Se assim o é que Mesquita mude o nome e venha que ha de ser festejado, vestido e lavado!

Neste nosso Brasil, temos dito uma, duas ou mais vezes, tudo morre e fallece basta que o trabalho seja nosso! Pois bem, protestemos nós; protestemos em voz alta e que a mocidade, despindo d'alma a lethargia que a enerva, atire-se hárda e forte nas lutas do presente para aguardar os explendores do futuro.

M. MAIOR.



### Joaquim José Ignacio.

*Tem tres nomes proprios, e o appellativo ha de-o ganhar na campanha actual, disse o general Mitre ao seu estalão-maior a propósito do valente brasileiro que na esquadra substituiu dignamente ao valente e brioso visconde de Tamandaré.*

O bombardeamento á tiro de pistola trabalhado contra Curupati é uma ação de muito apreço e que muito honra ao distinto vice-almirante J. J. Ignacio.

E' do dever dos brasileiros elogiar, dar nomeada á actos que ennobrecem o paiz. E o paiz ufana-se e gloria-se não só dos combateimentos immensos do tenodo e da bravura como também dos homens que os produzem e praticam.



### Um facto Historico.

O Sr. Pereira é um moço muito serio, não gosta de *gracas pesadas*, nem de pandegas que não se deem entre rapazes; não é devasso, nem ainda perdeu de todo a vergonha, bebe alguma cerveja (marca barbante,) fuma broxa entrelinha, diverte-se no Alcazar e gosta de baianas.

Ora o Sr. Pereira apesar de tudo é um pouco keroseneiro e por isso gosta de fazer ponto em um barbeiro, que não *salgue* mas que esfolia; ha defronte ao applicador de bichas uma pequena que é bonita, engracada e... boa. O Sr. Pereira gostou da pequena, logo namorou-a, logo vai para o barbeiro, logo fuma broxa para distrahir-se e usa de *pince-nez* lustroso para tornar-se interessante.

Pegarão as bixas; mas os namorados soffrem sempre contrariades. O Sr. Pereira teve o seu dia nefasto. Ali vai.

Havia um sobrado para alugar na mesma rua em que morava a pequena; o Sr. Pereira, em companhia de outros foi vel-o; queria tomar estado, por isso procura va caza.

Entrou e com os companheiros. Era á hora do lusco-fusco, principiavam as estrelas a espíar para baixo e para baixo os anjos esguichavão alegres cantiginhas.

Apenas o Sr. Pereira transpoz o limiar da caza, um dos seus companheiros fechou a porta, situação horível! Um quarto de hora á janella e a janella com escriptos...

Gargalhadas dos transeuntes, orchestra de risadas e debique. E o Sr. Pereira a tomar pulso ás aranhas que alindavam as paredes e a envesgar os olhos para o firmamento buscando uma estrella como Colombo um mundo.

Após um quarto de hora tenebroso como os cyclos que o Dante creou no inferno, o Sr. Pereira viu escancrar-se a porta e *enfiou* para fora.

Tinha a feição designada como um attacado de *cholera-morbus*, os dentes rangião, os cabellos tinham-se erriçado, era a imagem da cholera.

— Estou damnado! gritava o Sr. Pereira, hoide vinhar-me. Um homem na minha posição, um homem de vergonha. Uf! u! é muito.

E ei-lá a correr; chega ao barbeiro e... não faz nada. E as gargalhadas continuavão, e o debique ia inlo e... pobre Pereira... a pequena também gostava da caçoada.

Que faser nestas circunstancias? Rir-se e pagar a cerveja aos pandegos. Foi o que o Sr. Pereira fez, deixando no fundo do copo as magras que lhe torturavão o peito eslegante e protestando que jamais entraria em caza que tivesse escriptos.

Assim seja.



— Pelintra. O Sr. tem passas ahi dentro?

— TAVERNERO. Não seja tolo, passas ahi?... passe lá fóra.

— VELHO. O meu sr... é tanto que as exhalações dos suspiros requebrão-me o coração saltando pela boca fóra!...

— GAISETA. Um?... Se se os suspiros são exhalações miasmáticas eu já estou vendo o pessimo efeito...

— Velho. V. Ex. tapa o nariz porque me ouve follar?

— GAISETA. Não à noite... é outra conta...



— Ele é velho, eten muito doente, mandei o chamar para... e  
que tal?... malha tem gente contra o cholera?...

— Meu sr... go a lá, lá-eiça, e tomar uma assignatura do Padre-  
que é cheio lendo um jornal muito interessante, e seu prego  
é de ferro.

— ESTUDANTE. Quem pode deixar d'ir ao Alcazar...?... Pôr os  
seus encantos?... Qual escola normal de theatros, nem mesmo the-  
atros?... Eu hoje só vivo para o francez, bebo francez, como francez,  
e adoro estudos!... tudo o mais é patoçoada.

— Pôr! Pedago de tratante, eu no topo plantando mandioca e  
apim para sustentar este burro nos estudos, e elle ca no pandega do  
Alcazar!... e quem!



— Vocês querem ber que a minha costela tomou juiso desde que ovive a encommenda?... Já não quer devruar sapatos, e o seo unico travalho é bistir-se e tucar piano, só, só para m'agradar!...

— Bem abenturada mäi que teve um filho para ser encomendario das frusias ou como lá lhe chamão.

— ...na Europa os amigos saidos erao...  
— Não me falle em gallos Exm.<sup>a</sup> que eu já vejo o original dante de meos olhos!...  
— JARRETA APARTE. Ella mesmo tem cabeça de gallo... e tu me marreco és raposa matreira, mas eu estou admirando-te.

## ROMANCE

### Os Posticos.

(CONCLUSÃO)

Com efeito Anastacio, o pobre velho, o amante atraigado, o ambicioso enganado em todos os seus planos de futuro, retirava-se desnorteado e tão fôra de si, lançando sobre João Paulino tão grosseiras palavras que parecia antes um doido fugido do Hospício de Pedro 2º, do que um fazendeiro que deixava todas as suas comodidades para assistir uma festa, onde devia encontrar o mais caro penhor de sua vida, o último êxo de seus sonhos, a sua futura emfim.

— Pobre amante! infeliz Anastacio! exclamou D. Angelica, soltando um largo suspiro.

— Um grande atrevido, um velho muito incivil, diga antes minha Senhora; respondeu-lhe o pae de Euphemia esfregando as mãos:

— Mas agora me lembro, donde estará Euphemia?

— No seu quarto, segundo ella mesmo disse, retirou-se encomodada; e como tornada de uma idéa horrivel levantando-se de repente, diz:

— Agora vejo que Paulo tambem não está aqui... vamos vel-a Sr. João Paulino?!

O pae de Euphemia por um instante vacillou, parem depois como se uma voz misteriosa dissesse-lho ao ouvido vao, resolveu-se a ir, mas oh contrariedade! chegando ao quarto de Euphemia apenas encontrou os moveis e um balão em cima da cama que por cautella tinha deixado, para que os arcos no descer a escada, não a atraigassem descendo dest'arte sem que fosse ouvida.

Euphemia tinha fugido com o Dr. Paulo.

João Paulino gritou logo por todos os criados, perguntando se tinham visto Euphemia sahir e com quem

D. Angelica começou a correr por toda a casa a gritar:

— Estou roubada, perdida, desgraçada, roubaram o meu Paulo, raptaram o meu amante.

Mas isto não hade ficar assim eu lhe juro!

Tudo por sua causa Sr. João Paulino, porque é o Sr. o causador de toda a minha desgraça de todos os meus imfotunios, pois não tivesse uma filha tão lambida, e tão offeicida. Amanhã conversaremos e vai descendo a escada, desnorteada e fora de si, como ainda pouco sahira Anastacio; chega á porta, procura por seu carro e não encontra

O Dr. Paulo tinha-lhe feito a gaiatada! a importante gaiatada de fugir com Euphemia no carro de sua antiga amante, no trem emfim de D. Angelica.

— Ainda mais essa para a corda do sino, exclamou D. Angelica que acabou por ficar mais furiosa.

— Não se contentou o patife de me deixar sem carro, e tenho de ir á pé.

E para que não fosse maior a sua encalistração, sem dizer nala a João Paulino que tinha ficado em cima atirado sobre um divan, e para que mesmo não se divulgasse isto, foi se escapando a pé.

Os leitores devem convir commigo que foi uma peça bem pregada pelo Dr. Paulo.

Assim como muito bem feito o castigo que teve Anastacio, deixando d'est'arte para os velhos ambiciosos e gamenhos, um edilicante exemplo.

No fim de um mez quem passasse por a Igreja do... ás 4 horas da tarde, veria douz entes que ante os altares recebiam-se em matrimonio, eram:

Euphemia e o Dr. Paulo a quem João Paulino soube illudir até casarem-se, prometendo um bom dote, fugindo depois para Montevidéo, sem que um vintem lhes deixasse.

O Dr. Paulo que tinha-se casado só com mira no dote, depois da fugida de João Paulino, deixou tambem a infeliz Euphemia que hoje para viver, passa por as maiores vergonhas, e os maiores saerfícios.

FIM.

AIX.

### O gato.

(CONCLUSÃO)

Os dous contendores avançaram; aproximaram-se e miando terrivelmente tricaram as credenciaes. Um grito duplo e agudo, seguido de um *fuch. ch.*, indicou que as duas altas partes contractantes iam romper as hostilidades.

Assim foi: unha d'aqui, unha d'acolá, pulo para diante, pulo para traz, eis em que consistiu a lucta, que não terminou como as de Homero pela queda de um combatente, fazendo estremecer a terra, mas pela fuga do gato intruso, descasando com a unha o limo do telhado.

Depois da victoria o nobre animal espreguiçou-se e agitou a cauda magestosamente. A gata amarella achava-se imovel e estacionaria no mesmo lugar, esperando o resultado do combate para decidir-se por um dos lados; acabado esse, ella em signal de regozijo lambeu a mão e lavou o rosto. Era uma demonstração digna d'aquelle *augusta* e dignissima senhora.

A explicação d'facto é simples; o gato do vizinho é um tipo de jornalista que pensa em pressão da opinião publica nos conselhos do estado, ora isto é um desaforo, quando há lá em cima gente de barbas e unhas, olhos e pello macio; é ousadia vir um *quidam* destes dizer

em publico e razo um milhão de asneiras, entre as quais esta—*A missão nobre da imprensa* etc. O povo sabe muito bem com que habilidade os que estão de cima dirigem a—*missão nobre da empreza... política*. Portanto seja o papalvo chamado a responsabilidade todos os dias, pague multa sobre multa, tenha prizão sobre prizão, que afinal hade acabar por callar-se. Por consequencia... viva o gato!...

Já se vê pois que o telhado tem por únicos proprietários o gato *malhado* e a gata amarela; as vezes esta quer sublevar-se, o manhoso *bicho* caça um rato e dá presente a buligosa bicha, e enquanto esta se engasga com os ossos, elle continua na pacifica posse d'aquella habitação aerea.

Um dia porem quiz o bichano que a amavel socia o acompanhasse até o telhado de um 3.<sup>º</sup> andar, afim de gozarem do panorama da cidade. Já se vê que era uma simples questão de passeio e distração; pois (cousa incrivel!) a gata recusou. O facto tornou-se serio e tomou um aspecto assustador; o gato ameaçou e a gata resistiu; afinal poz termo a questão a completa derrota da felina bicha que foi expulsa do telhado e confundiu-se nos quintaes com outras que esperavam occasião azada para sentarem-se sobre telhas.

Isto tudo, nada mais é, do que uma importântissima questão de *gabinetes*; a *augusta* resiste, o *nobre e honrado* manda-a plantar batatas — vulgo — dissolução de camara.

E' inutil contara briga que se travou em todas as cozinhas; não havia gata que não procurasse furtar um pedaço de lombo para levar ao gato do telhado, todas querendo subir; era uma nobre aspiração.

Até que enfim uma gata venceu e julou para o telhado, que soberba gata e que soherbo lombo!.. Começou o banquete, mas apenas o ultimo bocado chegava ao estomago do bicho, cis que ergue-se espavorido e contrário pelo sotão de uma caza, vai incomodar a família que estava tranquilamente almoçando e pacificamente fallando da vida alheia. Pobre gato! tinha-lhe dado o ar!

O resultado foi triste, depois de molharem-na muito; encaxaram no em um cano de bota e cortaram-lhe o appendice caudal. E assim o triste bicho foi obrigado a ir viver a vida obscura dos... votantes.

O leitor amigo já entendeu tudo; depois da dissolução, veio a eleição, é uma briga de gatos — *miau..* é o proprio; *mia... au...* não é o proprio; *fuch... fuch...* pau, pau. Durante esse tempo o *honrado* é arbrefez com alguns erros no orçamento da receita, porém acertou de mais no orçamento da despesa; reune-se a *augusta*, e dá-lhe no lombo; elle por espirito de dignidade (é o ar

do gato) pede a sua demissão e retira-se silencioso para o seu gabinete de *estudo*.

#### EPÍLOGO.

O Brazil é um paiz muito feliz; imitou o Egypto, e por isso adora o gato e produz cebolas

No gato manhoso e *malhado*, o ministro matreiro; na cebola ao Egypto, a execução da lei... boa. Mia, ó gato! Avante, ó patria!...

*Jopele.*

- - - - -

#### Fumo.

A' cavallo em um tamborete estava um poeta a procura de uma consoante.

Consoante como uma idéa em dia de barriga vasia e de guella secca corresponde a 0 no barometro intellectual.

E por isso o poeta ouvia os soluços da barriga e movia paulatinamente as mandíbulas; cada movimento e cada soluço encrespavam-lhe as fibras do coração; enquanto o pobre estomago, terreno arido que precisava de irrigação e guano, respeitava religiosamente o jejum da Santa Madre Igreja em segunda-feira.

Nem a quadratura do circulo, nem o motu continuo causaria tantas afflícções aos mathematicos como a consoante ao poeta, e a razão é clara como pés de sapato.

E' que o descubrimento da consoante queria dizer o cumprimento da poesia e a poesia queria dizer dinheiro e o dinheiro queria dizer *enchimento* da barriga.

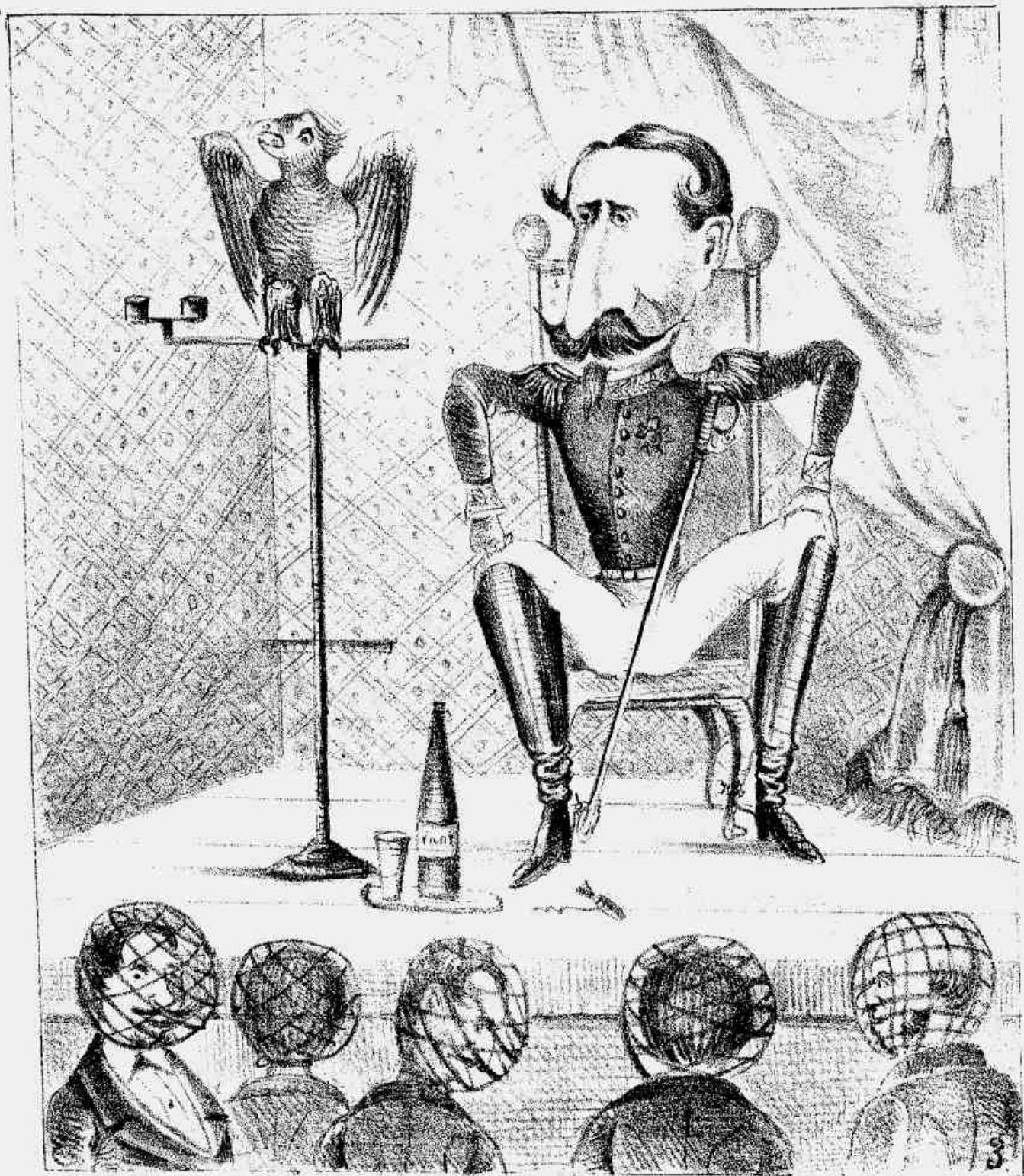
Mas sacco vazio não se põe em pé, e por consequência o poeta luctava *debalde* contra a maré de burro no mar da bestialogia. Não funava-lhe as vellas da intelligenzia nem um bafejo, subia-lhe porém ás narinas um basio de maresia (somo).

Do subito ergueu-se o poeta direito como uma viga, buliu com os olhos, remexeu os labios, e gradualmente curvando-se bateu com as mãos no chão e achou a consoante.

Acabou a poesia e foi jantar.

**MORALIDADE.** — O poeta escrevera uma poesia sentimental em que chamava a morte, chorava saudades pelas bermaventuras celestes porque este mundo era um mundo de desenganos, de traição e de mentira.

A poesia não parecia com o poeta porque este atirando-se ao jantar como cão a bofes, provou que o jantar era a bermaventura celeste e o outro mundo era de traição, desenganos e perfídias.



### Um Pai a seus filhos.

Meus amiguinhos deveis estar satisfeitos com a nova permissão, podereis agora interpellar meu governo, sem entendo na contrariação meus planos e sobre tudo respeitando Papai e Mamãe, sem vos esquecerdes do titio Rouher que anda bem zangado.

(— Boletim de Paris, S. C. D. F. —)